



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



A coleção de Pedro Braz na história do Instituto Federal de Sergipe

Autor: Brenda França Santos

Orientação: Saura Souza Carmo

Resumo: Este artigo destaca o protagonismo de Pedro Alcântara Braz, homem negro, engenheiro e ex-diretor da Escola de Artífices de Aracaju, na estruturação do ensino profissional em Sergipe, através da coleção de objetos musealizados no Memorial do Instituto Federal de Sergipe. O estudo aborda, inicialmente, a função da escola de artífices em capacitar jovens "desvalidos de fortuna", sua transformação em Escola Industrial e posterior instituição de ensino técnico federal abordando, ao apresentar a história da instituição, o papel de Pedro Braz na estruturação do ensino técnico em Sergipe. Reconhecido por sua abordagem inclusiva e diálogo aberto, Braz preocupava-se profundamente com a comunidade acadêmica, promovendo um ambiente acolhedor, incentivando a criação de novos cursos, a valorização e venda de trabalhos, a entrada no mercado de trabalho e a abertura da escola para novos alunos. Através de estratégias administrativas e liderança visionária, foi responsável pela expansão da estrutura física que hoje abriga o campus Aracaju. Após sua saída, por motivos de saúde, os alunos se mobilizaram em greve devido à postura rígida da nova direção, que não refletia a abordagem participativa e empática de Braz, gerando descontentamento na comunidade estudantil. Ao destacar sua contribuição não apenas para a educação, mas também para o bem-estar da comunidade acadêmica, este trabalho oferece uma visão abrangente da influência de Pedro Braz e de seu apagamento histórico enquanto como líder negro no cenário educacional sergipano. Os objetos de Pedro Braz permitem montar o quebra-cabeça da história profissional no IFS, resgatando sua fisionomia e história enquanto homem negro, que foi, em certa medida, esquecida. Este artigo adota a seguinte metodologia: uma pesquisa qualitativa, exploratória que visa apresentar a trajetória de Pedro Braz, a partir de uma coleção de objetos musealizados, como impulsionador do ensino profissional sergipano.

Palavras-Chave: Pedro Braz, ensino profissional, coleção, objetos, museologia

Abstract: This article highlights the leading role of Pedro Alcântara Braz, a black man, engineer and former director of the Escola de Artífices de Aracaju, in structuring professional education in Sergipe, through the collection of objects held in the museum at the Memorial of the Federal Institute of Sergipe. The study initially addresses the role of the crafts school in

training young people "destitute of fortune", its transformation into an Industrial School and later federal technical education institution, addressing, when presenting the history of the institution, the role of Pedro Braz in structuring the technical education in Sergipe. Recognized for his inclusive approach and open dialogue, Braz was deeply concerned about the academic community, promoting a welcoming environment, encouraging the creation of new courses, the valorization and sale of work, entry into the job market and the opening of the school to new students. Through administrative strategies and visionary leadership, he was responsible for expanding the physical structure that today houses the Aracaju campus. After his departure, for health reasons, the students went on strike due to the rigid stance of the new management, which did not reflect Braz's participatory and empathetic approach, generating discontent in the student community. By highlighting his contribution not only to education, but also to the well-being of the academic community, this work offers a comprehensive view of Pedro Braz's influence as a black leader in the Sergipe educational scene. Pedro Braz's objects allow us to piece together the puzzle of professional history at the IFS, rescuing his physiognomy and history as a black man, which was, to a certain extent, forgotten. This article adopts the following methodology: qualitative, exploratory research that aims to present the trajectory of Pedro Braz, based on a collection of museum objects, as a driver of professional education in Sergipe.

Keywords: Pedro Braz, professional education, collection, objects, trajectory

Introdução

O presente artigo é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a obtenção do Grau de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe, que visa, a partir de uma coleção de objetos presentes no memorial do Instituto Federal de Sergipe (IFS), contar a história de Pedro Alcântara Braz (1919-1972), educador e diretor da Escola Industrial de Aracaju¹. Braz era engenheiro civil, aracajuano e professor, que trabalhou na Escola Industrial de Aracaju, hoje IFS, tornando-se diretor de 1947 até 1962, sendo um dos maiores impulsionadores do ensino profissional sergipano (SANTOS Neto, 2015). O estudo também aborda a questão de Pedro Braz ter sido um homem negro que possuía nível superior e

¹ A Instituição que hoje é conhecida como Instituto Federal de Sergipe é a união de grandes instituições de ensino do Estado de Sergipe. Neste artigo serão citadas somente as Escolas de Aprendizes Artífices de forma introdutória e a Escola Industrial de Aracaju. A instituição adquiriu as seguintes nomeações: 1909 é assinado o Decreto de criação das escolas; em 1911 surge a Escola de Aprendizes e Artífices; 1937 o Liceu Industrial; 1942 Escola Industrial; em 1965 a Escola Técnica Federal de Sergipe; 1995 Centro Federal de Educação Tecnológica e em 2008 a Lei nº11.892, de 29 de dezembro 2008 Instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e em 2009 é instituído o campus Aracaju.

destaque nas atividades que desempenhava pois foi o responsável, através de diversas estratégias administrativas, pela estruturação e ampliação do ensino profissional em Sergipe.

A produção deste artigo é o resultado de conhecimentos adquiridos durante a graduação e de um extenso trabalho enquanto bolsista de Extensão e Pesquisa no Memorial do Instituto Federal de Sergipe, da admiração pessoal da trajetória de vida de Pedro Braz e de reflexões a respeito de coleções museológicas relacionadas a personalidades sergipanas. Apesar de sua história ser conhecida pela comunidade acadêmica do IFS, a figura de Braz é pouco explorada em pesquisas acadêmicas, sendo sua trajetória de vida narrada a partir de objetos e publicações, pequenos parágrafos e notas de rodapé (produzidos pela instituição principalmente durante ou logo após sua gestão) existentes no Memorial do IFS e de conteúdos criados pela instituição para as redes sociais.

Portanto, o conhecimento a respeito da trajetória profissional de Pedro Braz deu-se através desses parágrafos e notas de rodapé, sendo confirmado, por meio do levantamento dos objetos doados pela família ao memorial, o potencial acadêmico e riqueza histórica, social e administrativa que ele proporcionou à instituição. Durante o levantamento do acervo ficou claro como o professor Pedro Braz está na memória de antigos funcionários do IFS e amigos, sendo admirado pelo trabalho desenvolvido na instituição.

A descoberta de Pedro Braz ocorreu durante os trabalhos realizados no Memorial do IFS como bolsista/pesquisadora do curso de Museologia em que houve a oportunidade de colocar em prática diversos ensinamentos adquiridos durante a graduação como a realização de duas exposições virtuais, desenvolvimento de artigos, apresentações, produção de conteúdo para redes sociais, mostra de práticas e várias outras atividades das quais envolvia apresentar a história do IFS e, conseqüentemente, do antigo diretor. Algo notado com frequência foi a citação de Pedro Braz em publicações de mudanças na instituição, assim como um auditório nomeado em sua homenagem. O trabalho realizado com o acervo musealizado foi fundamental no reconhecimento do que existe sobre ele na instituição.

Trabalhar com objetos pouco explorados, escrever os sentidos da memória de alguém a partir de uma coleção museológica é um grande desafio. A proposta é estudar a figura de Pedro Alcântara Braz (fig. 01), professor, diretor na Escola

Industrial de Aracaju e grande incentivador do ensino profissional sergipano a partir da coleção de objetos existentes do IFS referente a sua trajetória pessoal e profissional. Nesta produção tem-se como objetivo descrever o acervo como um mecanismo de apresentação da vida do engenheiro Pedro Alcântara Braz através de seus feitos enquanto professor e diretor da Escola Industrial de Aracaju, atual Instituto Federal de Sergipe Campus Aracaju. Na análise dos objetos foi descrito os sentidos da coleção a partir da trajetória de cada objeto, desde sua época de uso até sua musealização pelo IFS, discutindo os significados da coleção, a partir do protagonismo de Pedro Braz, enquanto idealizador de mudanças no campo da educação profissional em Sergipe.



Figura 01: Pedro Braz
Fonte: Memorial do IFS

Quanto à metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa, exploratória que visa apresentar a trajetória de Pedro Braz, a partir de uma coleção de objetos musealizados, como impulsionador do ensino profissional sergipano. Iniciando o trabalho, a partir de um esquema teórico, espera-se explorar os caminhos dos

percursos registrados a partir dos documentos que segundo (Godoy, 1995) representam um revestimento de caráter do ser, o que realça o estudo. A pesquisa utiliza fontes bibliográficas, documentais e a investigação *in loco* para pensar a importância de Pedro Braz no ensino técnico de Sergipe por meio da coleção museológica do IFS. Na coleta dos dados das principais perspectivas sobre o assunto, foi possível reunir um referencial documental que conduz um caminho dele enquanto um grande diretor tanto em suas funções administrativas quanto nas relações interpessoais e profissionais e espera-se progredir no desenvolvimento de seu protagonismo enquanto desenvolvedor do ensino técnico em Sergipe. Sobre a investigação *in loco*, ressaltamos a análise do acervo em seu espaço de salvaguarda.

História do IFS e Pedro Braz

Em um contexto de mudanças sociais após a abolição da escravidão, a crise açucareira e a migração de pessoas para as capitais, os ofícios manufatureiros foram desvalorizados pois estavam vinculados a imagem de pessoas escravizadas. Segundo Luiz Cunha (2005, p. 16), no período colonial, “sempre que podiam, os mestres faziam escravos aprenderem ofícios para pô-los a trabalhar em suas tendas, dispensando-se de pagar salários a obreiros livres”. Dessa forma, o trabalho manual era considerado “coisa de escravos”, ocorrendo por uma “inversão ideológica”, o desprezo pelas atividades manuais. Alguns espaços tiveram destaque no ensino profissional para crianças órfãs, sobretudo de cor, no período colonial e imperial. No século XVIII, o Seminário de órfãos da Bahia, localizado na Igreja de São Joaquim, foi um importante estabelecimento de ensino de ofícios manufatureiros (Fonseca, 1961; Cunha, 2005). No Rio de Janeiro, em 1809, o príncipe regente abriu o Colégio das Fábricas, “constituído por artífices e aprendizes vindo de Portugal” que inicialmente ensinaram ofícios que envolviam produção de tecidos, carpintaria, serralheria, tornearia, dentre outros (Cunha, 2005, p.76).

No pós-abolição, a fim de capacitar jovens das classes populares, surgem no Brasil as Escolas de Aprendizes e Artífices, a partir do Decreto nº 7.566, de 23 de

setembro de 1909, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha (1867-1924)², com o objetivo de proporcionar ensino profissional primário e gratuito, sob a competência do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Porém devido a falta de apoio político estadual a escola só funcionaria em 1 de maio de 1911, dois anos após o decreto de criação. Em sua publicação *Escola Técnica Federal de Sergipe 1909-1979, 70 Anos de Atividades* a professora Marilene Souza narra os esforços do diretor Augusto César Leite (1886 – 1978) para a inauguração da escola:

O Dr. Augusto César Leite, que como homem cômico dos seus deveres, diariamente ia até à Delegacia Fiscal dar a sua presença. O Dr. Augusto Leite foi então o primeiro diretor da nossa Escola. Recém-formado em Medicina, professor do Atheneu, médico do Hospital Santa Izabel, e dentre todos os seus afazeres de rotina, quis fazer jus ao que percebia dos cofres públicos, conseguindo com muito esforço e recursos próprios (convém frisar) algum dinheiro com o qual adquiriu o situado à Rua de Lagarto esquina com Maroim, prédio por 10:000\$000 importância bastante avultada na época.

“Uma escola para pobres” é o título de um texto escrito na revista *Escola Técnica Federal de Sergipe “Em Foco”: Ensino Industrial 80 anos*, em 1989 onde é destacado o nascimento das escolas de aprendizes artífices e as dificuldades iniciais nos baixos índices de matrícula. No texto é mencionado que as escolas surgiram com caráter paternalista e assistencial, com o objetivo de promover a regeneração através do trabalho, assinalando que o Presidente Nilo Peçanha destacou a “necessidade de habilitar os filhos dos ‘desvalidos da fortuna’, de modo a afastá-los da ‘ociosidade, escola do vício e do crime’ ” (Ximenes e Medeiros, 1989). O texto ainda assinala as passagens do discurso de inauguração da Escola por Dr. Augusto Leite que segue a mesma linha de pensamento ao dizer que os:

templos onde a mocidade pobre, ao mais das vezes arrancada à ociosidade e ao vício vem aparelhar-se, no desenvolvimento e no cultivo de suas aptidões técnicas ao mesmo passo que no acrisolamento de suas qualidades morais, para a luta pela vida, para o trabalho nobilitante e fecundo” (Ximenes e Medeiros, 1989 p.9)

² Primeiro presidente mulato do Brasil, apesar de não ressaltar em discursos a sua cor da pele. É considerado o patrono do Ensino profissional no Brasil, devido a criação da Escola de Aprendizes artífices (Bezerra, 2022).

Esse viés correcional, juntamente com o preconceito contra o trabalho manual associado historicamente aos povos descendentes de escravizados, afastou das escolas os grupos populares com menos recursos, que enxergavam na educação uma oportunidade de ascensão social. Isso resultou em anos de baixos índices de matrícula e, conseqüentemente, de formandos. Esse afastamento perdurou por anos até 1959 devido a equivalência do ensino médio e a possibilidade de prosseguir estudos em graus elevados.

A primeira escola de aprendizes de Sergipe funcionou em um prédio na rua Lagarto esquina com a rua Maruim (fig. 02) até meados da década de 1960. Atualmente o prédio está desativado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) mas funcionando a ocupação João Mulungu³.



Figura 02: Primeiro Prédio da Escola - Rua Lagarto
Fonte: Memorial do IFS

A inauguração da escola de aprendizes aconteceu no Dia do Trabalhador e foi um acontecimento premeditado pelo diretor Dr. Augusto César Leite (1886 – 1978) para ressaltar a visão da escola como formadora de trabalhadores. Com 120 alunos matriculados na sua inauguração, a Escola oferecia cursos de Primário e de Desenho, e os ofícios de Ferraria e Mecânica, Alfaiataria e Marcenaria, mais tarde acrescidos

³ A Ocupação João Mulungu é parte do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, é um movimento social de âmbito nacional que luta pela reforma urbana e pelo direito humano de morar a partir da ocupação de prédios abandonados.

os de Sapataria e Selaria. Segundo a revista *Escola Técnica Federal de Sergipe em Foco: Ensino Industrial 80 anos 1989*, a escola funcionou inicialmente com três pessoas ocupando os cargos de diretor, escriturário (substituto do diretor) e o porteiro-almojarifado além de um corpo docente composto por 7 professores, sendo eles respectivamente: Oscar Dantas, João Batista dos Santos, Teódulo P. de Almeida, Dr. Adalberto Ferreira Dantas, Clodoaldo Passos, Arlinda F. de Carvalho e Francisco S. Figueiredo.

Em 1918 os cursos de primário e desenho foram adicionados ao aperfeiçoamento no período noturno - esses cursos seriam suprimidos em 1931 - destinado a jovens com mais de 16 anos, idade limite para quem desejava ingressar na instituição, enquanto o ensino das oficinas tinha 4 anos de duração. Com a reforma empreendida pelo 2º Diretor, Bento Ferreira, que dirigiu de 1916 a 1920, a escola ganhou 3 novos pavilhões térreos que necessitavam de investimentos tanto na infraestrutura quanto na capacitação do corpo docente. Com a nomeação de uma comissão do Ensino Profissional Técnico em 1922, a escola passa a oferecer merenda escolar durante a administração de Ernesto Argenta, que dirigiu de 1921 a 1926, assim como a construção de um pavilhão central e a melhora das oficinas (Ximenes e Medeiros, 1989).

Em 1922 Maurício Graccho Cardoso assumiu o governo do Estado, um defensor do ensino profissional que trabalhou na implantação e valorização da instrução profissionalizante. Durante a direção de Ernesto Argenta (1921 - 1926) aconteceu a construção de um pavilhão central com dois pavimentos, foram melhoradas as oficinas, houve a implantação da merenda escolar e, em novembro do mesmo ano, quatro alunos saíram empregados da cerimônia de formatura. O ano de 1926 foi de grande mudanças na história da educação uma vez que a escola passou a oferecer novos cursos nas áreas de marcenaria, carpintaria, mecânica, serralheria e lataria, sapataria e alfaiataria. A maior alteração da época foi a industrialização das oficinas, que permitia a aceitação dos diretores de encomendas de repartições públicas e privadas, cuja quantia o aluno tinha direito a uma parte para compra de materiais do exercício da ocupação ao fim do curso. Por outro lado, houveram grandes dificuldades devido à complexidade dos cálculos envolvidos e ao aumento das responsabilidades dos mestres em produzir serviços e renda, ao mesmo tempo em que mantinham o foco no ensino (Ximenes e Medeiros, 1989).

Em um período de grandes mudanças estruturais, a instituição educacional deparou-se com novas demandas organizacionais em âmbito estadual e novas políticas educacionais a partir da criação no governo de Getúlio Vargas do Ministério da Educação e Saúde Pública, que passou a gerir o ensino industrial através da Inspeção do Ensino Profissional Técnico (1931), da Superintendência do Ensino Profissional (1934) e da Divisão do Ensino Profissional (1937). Em 1938, assume a direção da escola o eng^o Clodoaldo Vieira Passos, que assumiu a direção de 1937 a 1947, escrevendo ao Ministério da Educação os problemas estruturais enfrentados pela instituição, relativos à ausência de condições adequadas para o desenvolvimento de atividades educacionais e oficinas:

Em cores naturais e por palavras comedidas, cumpre-me revelar a V. Excia. a penosa situação material de nossa sede escolar; disposição acanhada das instalações do curso; deficiência do mobiliário apropriado; carência de espaço requerido pela natural expansão do ensino industrial. E a respeito de sua condição de salubridade, é precário o estado de tudo quanto concerne à higiene de um edifício que abriga tantos organismos débeis em desenvolvimento" (Ximenes e Medeiros, 1989, p.6)

Sua carta, em tom de denúncia, teve influência no aumento de verbas no ano seguinte que foram destinadas à compra de material didático. Dentre as questões sociais ligadas às decisões do Poder Executivo do governo ditatorial do Estado Novo⁴ de Getúlio Vargas, as políticas de valorização da indústria e do nacionalismo foram questões que influenciaram nas mudanças da Escola Industrial de Aracaju. Comemorações como Páscoa e feriados patrióticos passaram a fazer parte do calendário festivo acadêmico, assim como o ensino religioso, instrução moral e cívica e instituída farda verde e branca nos desfiles, doada pela Escola. Outras mudanças foram as melhorias orçamentais, obras de construção e acréscimo, ginásio industrial - currículo bipartido entre ensino geral e ensino técnico, a entrada na escola que passou a ser a partir da realização de provas sobre português, matemática, um teste

⁴ O Estado Novo foi um período da história do Brasil que durou de 1937 a 1945, durante o governo de Getúlio Vargas. Caracterizado por um regime autoritário, centralizador e nacionalista, o Estado Novo foi marcado pela concentração de poderes nas mãos do presidente Vargas, que governou por meio de decretos-leis e uma Constituição autoritária.

de conhecimento e uma pesquisa referente aos objetivos do candidato. (SANTOS NETO, 2009).

Nesta etapa da história da Escola novas portas foram abertas, pois em 1944 as mulheres passaram a ter direito de se matricularem pois tinham à disposição cursos de conotação doméstica, sendo eles: Corte e Costura; e Chapéus, Flores e Ornatos. Entretanto o curso foi extinto pouco tempo depois, em 1947, quando quatro alunas se formaram - as mulheres só voltariam a estudar na instituição quinze anos depois. Em contrapartida, os alunos formados na Escola tiveram grande espaço no mercado profissional.

No fim da gestão do engenheiro Clodoaldo Passos surgiu o acordo firmado entre Brasil e Estados Unidos para intercâmbio de equipamentos, assistência financeira e reorientação técnica dos professores e dirigentes. Este acordo, supervisionado pelos americanos, teve sua execução atribuída à Comissão Brasileiro-Americana em Educação Industrial (CBAI). Em Sergipe, esse pacto se manifestou notavelmente na viagem de Pedro Braz aos Estados Unidos da América no ano seguinte à sua nomeação como diretor, para um curso de Aperfeiçoamento para Diretores promovido pela CBAI, na Universidade de State Colege, Pensilvania, em 31 de janeiro de 1948. Outro marco da gestão de Clodoaldo Passos foi a ampliação do Serviço Médico, com a contratação do primeiro dentista, João Simões dos Reis e da primeira atendente, Janete Simões Mariu. Em 1946 muitos jornais tiveram como manchete denúncias de irregularidades funcionais, pedagógicas e morais, o que ocasionou sua exoneração em 21 de julho do ano seguinte.

Neste momento a história de Pedro Alcântara Braz começa a mesclar-se com a história do IFS. Nascido em 19 de outubro de 1919, filho de Irêno Braz e Maria da Hora Braz, casado com Josefina Cardoso Braz e pai de cinco filhos, era um homem negro que prosperou a partir das oportunidades surgidas pela sua qualificação profissional. Engenheiro civil se formou pela Escola Politécnica da Bahia em dezembro de 1940, foi nomeado diretor da então Escola Industrial de Aracaju em 1 de janeiro de 1947, ocupando o cargo por 19 anos, além de ter preenchido diversos cargos de caráter estadual e municipal. Faleceu em 12 de outubro de 1972 por motivos de saúde. Diferente de seu antecessor, Pedro Braz ficou marcado como um homem receptivo, justo e aberto ao diálogo, que intensificou as comemorações de

aniversário da escola, feriados como a Páscoa e Semana da Pátria (com desfile no 7 de setembro) - ponto de orgulho da escola (fig. 03).



Figura 03: Desfile dos alunos em 7 de setembro-1947
Fonte: Memorial do IFS

Em sua gestão teve grande preocupação com a comunidade acadêmica a modo de investir em uma cardápio variado na merenda escolar, a mistura de feijão com arroz ganhou o apelido de “FERROZ”, pelos alunos devido ao sabor peculiar (SANTOS NETO, 2009). Também na gestão de Pedro Braz as exposições dos trabalhos dos alunos (figs. 04 e 05) ganharam maior relevância sendo disputados devido ao baixo custo e sendo comparados ao mercado local. Em 1948, surgia o grêmio “Francisco Travassos” que produzia um periódico anual no aniversário da escola, sob a presidência do aluno Geraldo Mota, com a iniciativa da professora Leyda Régis, grande figura na história da instituição, que exerceria a função de diretora substituta durante momentos de ausência de Pedro Braz. No mesmo ano ele inaugurou a oficina de fundição e forja, cujo forno tinha a capacidade de trabalhar até 50kg de ferro. (Ximenes e Medeiros, 1989)

Em 1949 a Escola foi a primeira a visitar a Usina de Paulo Afonso-BA, na fase de construção de sua primeira turbina, o que levou Pedro Braz a inaugurar os cursos extraordinários, rápidos e noturnos de Instalações Elétricas e Torneiras em 1952 e,

no ano seguinte de Fundação, Alvenaria e Revestimento. Dentre as medidas de valorização da escola foi criado o Hino da Escola Industrial, cantado pela primeira vez no dia 23 de setembro de 1955, nas festividades do 46º aniversário da Escola Industrial de Aracaju, cuja letra foi criada por Dr. Pires Wynne, poeta, parlamentar, médico e historiador sergipano e a melodia pelo compositor paulista Benedito Contador (SANTOS NETO, 2009).



Figura 04: Pedro Braz e alunos em exposição de trabalhos escolares
Fonte: Memorial do IFS

Outro ponto marcante ocorrido durante sua gestão foi a criação da Rádio da Escola Industrial em 1958, a partir da iniciativa do ex-aluno e então professor Aldo Manúcio Rodrigues Santos. A rádio tinha programação de interesse interno e externo, incluindo a transmissão de partidas de futebol. Sua primeira transmissão aconteceu com 20 watts de potência em um pequeno chassi, na mesa do próprio professor, divulgando um convite à população local para visitarem a exposição de trabalhos de alunos. Em 6 anos de funcionamento alguns grande radialistas sergipanos surgiram da Rádio Escola Industrial, como por exemplo, o Jornalista Jairo Alves e Gilson Rolemberg, ex-funcionário da Escola, além do também ex-aluno e depois professor de Eletrotécnica da Escola Industrial de Aracaju(EIA), Nilton Linhares. Por fim, com a mudança para o novo prédio e por problemas administrativos, a Rádio se extinguiu, deixando boas recordações a quem dela participou ou usufruiu de seus serviços. (Ximenes e Medeiros, 1989)



Figura 05: Pedro Braz e aluno em exposição de trabalhos escolares.
Fonte: Memorial do IFS

No final de sua administração Pedro Braz idealizou a mudança do prédio da escola para a área conhecida popularmente como Baixa Fria, onde hoje funciona o campus Aracaju. Em 1957 foi aprovado o orçamento de 100 milhões de cruzeiros para a construção do novo prédio com caixa d'água e dos sete pavilhões destinados às aulas das oficinas no novo terreno, cuja previsão era estimada para 1959, época de afastamento de Braz devido a problemas de saúde e com a professora Leyda Régis o substituindo periodicamente. (Ximenes e Medeiros, 1989)

De acordo com Santos Neto (2009) em 1 de agosto de 1962 Moacir Batista Santos assume a direção da escola após o afastamento de Pedro Braz e um clima de insatisfação geral é instalado na instituição. Pouco antes do Golpe Militar acontece a primeira e maior greve estudantil da instituição devido a insatisfação com a mudança de diretor, com o autoritarismo e falta de diálogo da nova direção com a comunidade estudantil, a distribuição inadequada de bolsas de trabalho oferecidas pela Caixa Escolar, o fim do almoço, a farda oferecida pela escola e a precariedade do prédio da rua Lagarto. Em 1963 a União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais (UNETI) declara a greve estudantil. Após muitas discussões entre os alunos Augusto Almeida de Oliveira e o presidente da Uneti, Luiz Jorge Leal (líderes do movimento) e o Conselho de Representantes da Escola, os alunos conquistaram a vitória no dia 17

de outubro de 1963. Foram conquistados a renúncia do novo diretor, Moacir Batista, o parcelamento no pagamento da farda e formação de grupos de trabalho, compostos por professores e alunos para discutir necessidades escolares e nas normas para ingresso discente, além da inclusão de dois representantes no Conselho Escolar. Porém, mesmo com a promessa de abonos das faltas e suspensão de qualquer punição, os líderes da greve foram cassados pelo Regime Ditatorial Militar. Segundo Santos Neto (2009) “coincidência ou não, as Atas do Conselho de 1964 não foram encontradas nos Arquivos da Escola, durante uma pesquisa histórica, em 1989, após a abertura política.”

Em 1971 aconteceu uma das maiores homenagens a Pedro Braz, a construção do auditório que recebeu seu nome em homenagem. Durante os anos de 1969 a 1979 a escola foi administrada pelo advogado, orientador educacional, ex-aluno, ex-professor e ex-interventor da Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFPB), Dr. Irineu Martins de Lima, e em sua gestão aconteceu uma reforma na estrutura onde foram implantados diversas modificações, dentre elas o auditório Pedro Braz, a construção do Ginásio de Esportes Francisco Martins de Lima e a Biblioteca Dr. Augusto Leite (Ximenes e Medeiros, 1989)

No dia 23 de agosto de 1971 a professora Leyda Régis proferiu um discurso marcante sobre a instituição e reafirmou a homenagem a seu amigo Pedro Braz - o discurso foi reproduzido na Revista Alvorada, o periódico encontra-se atualmente fora de circulação, mas o Memorial do IFS disponibiliza uma versão digitalizada em seu site assim como outros documentos referente a construção histórica da instituição e a placa do auditório encontra-se atualmente na reserva técnica. Ao longo de décadas, o auditório foi palco para várias atividades sociais de iniciativa tanto interna quanto externa, nele aconteceram os cursos de cinema amador, de teatro e fotografia e sede também do I Encontro de Corais de Escolas Técnicas Federais, em 1974.(Ximenes e Medeiros, 1989)

Pedro Braz faleceu em 12 de outubro de 1972, por motivos de saúde e seu falecimento teve grande impacto na população aracajuana devido as contribuições no âmbito da educação. No dia seguinte à sua morte, o *Jornal da Cidade* fez uma matéria de capa sobre o óbito e a câmara dos vereadores registraram seus votos de pesar demonstrando a notoriedade de Braz na sociedade sergipana. Milton Santos, vereador na época, falou que Braz " sempre soube ser amigo das crianças, amizade

que fecundou no exercício da cátedra" (Jornal da Cidade, 13 de outubro de 1972). O vereador Raul Ferreira de Andrade também usou da palavra para homenagear e ressaltar que ele era " Professor acima de tudo, devotou-se a afirmação da escola técnica na cátedra, via sempre na criança a meta a ser alcançada como afirmação do amanhã " (Jornal da Cidade, 13 de outubro de 1972). O jornal Gazeta de Sergipe também fez uma matéria sobre seu falecimento onde apresentou um breve histórico sobre sua vida e registrou detalhes sobre seu sepultamento. O então governador Paulo Barreto de Menezes e os herdeiros de Braz carregaram a urna até o local de sepultamento onde o professor Pires Wynne falou sobre seu caráter e momentos de convivência com o ex - diretor. A escola teve um dia de luto e uma coroa de flores foi deixada em seu túmulo com a descrição " Ao grande diretor Dr. Pedro Alcântara Braz, a saudade e o reconhecimento da direção, professores, funcionários e alunos da Escola" (Gazeta de Sergipe, 13 de outubro de 1972). Também foram deixados um bouquet de margaridas colhidas no próprio jardim da escola por trabalhadores, assim como, uma coroa de flores com os dizeres de gratidão e saudade, enviados de São Paulo.

A criação do Memorial: objetos e coleções que contam a história da instituição

A criação do Memorial do Instituto Federal de Sergipe (MIFS), ocorrida em 2016, foi o resultado de inúmeros esforços de membros da comunidade acadêmica, a pedido do então reitor Ailton Ribeiro de Oliveira a Coordenadoria Geral de Protocolo e Arquivo (CGPA), criando uma comissão que resultou na produção de um projeto de implementação do memorial. O projeto determinou que o memorial teria duas vertentes de trabalho, o físico e o digital. Sendo o primeiro uma reserva técnica voltada para a conservação de bens museológicos que remetem a história da instituição. A parte digital foi pensada como uma vitrine online, estando presente no facebook (Memorial do IFS), no instagram (IFS Memorial) e no site (<https://www.ifs.edu.br/reitoria/memorial.html>), a modo que fosse disponibilizado ao público documentos, fotos e produções técnicas; além de exposições tanto presenciais nos campi quanto digitais. A partir dessas ações, o Memorial do IFS foi institucionalizado com a publicação da portaria nº 1.685, 15 de junho de 2018 subordinado à Coordenadoria Geral de Protocolo e Arquivo, vinculado à

Coordenadoria dos Arquivos Histórico e Memorial (CAHISM). Segundo a portaria o Memorial tem o papel social promover a educação, a produção de conhecimento e de estimular a cidadania por meio do acesso a este bem público.

O Memorial é delegado ao Arquivo, que possui, dentre outras responsabilidades, a coordenação de atividades diversas e a colaboração de bolsistas, sendo a equipe do memorial composta também por uma auxiliar de museus. Em 2019 a instituição disponibilizou o plano museológico a partir do artigo 46º da Lei n.º11.904/09, que institui o Estatuto de Museus. Disponível para consulta através do site, o plano é um instrumento de planejamento que faz uma apresentação do memorial definindo suas diretrizes e seu comprometimento com a comunicação, preservação e investigação da história institucional através de pesquisas de bolsistas em arquivos e repositórios institucionais. Foi estabelecido um planejamento estratégico por meio de um programa de metas que determina as prioridades perante a realização das atividades como a criação e divulgação de uma base de dados do inventário do acervo pertencente ao memorial, a realização de medidas de conservação preventiva, projeto de interação entre acervo e público, digitalização de documentos, participação em eventos e a realização de exposições.

O Memorial hoje possui cerca de 300 objetos na reserva técnica, dentre eles um piano, cadeiras, armários, mesa de desenho, placas informativas, quadros, televisões, instrumentos hospitalares, fotografias, filmes fotográficos, discursos, convites, folders, dentre outros e um vasto acervo documental que varia entre: livros, revistas, periódicos e decretos. A chegada de objetos ao memorial, assim como sua criação, é um conjunto de iniciativas e colaborações entre funcionários antigos e atuais da instituição, comunidade acadêmica e familiares desses edificadores sociais.

Apesar desta valorização dos objetos que contam a história do IFS, a origem do termo não relaciona-se ao compreendido pelo campo da Museologia. A palavra objeto vem do Latim *objectare*, “citar como motivo de desaprovação”, colocar no caminho de”, formado por *ob-*, “à frente de”, na musealização o objeto é um emissor (CURY,2020). Em uma visão mais filosófica do objeto, Freud define o objeto como uma ferramenta para atingir um objetivo no qual ou através do qual a pulsão consegue atingir seu alvo, a pulsação seria o movimento e o alvo uma variável, enquanto o objeto é um ponto de serviço (FREUD,1915). De forma semelhante Abraham Moles (1981, p.25), afirma que o objeto significa “atirar contra, coisa existente fora de nós

mesmos, coisa colocada adiante, com um caráter material: tudo o que se oferece à vista e afeta os sentidos”, ele é caminho até o destino, é um recurso e um bem.

No IFS há uma prática bastante comum, que ocorre em outras instituições de ensino, relativo à união de objetos considerados bonitos e/ou valiosos de vários departamentos, por funcionários, tais coleções formam os museus dos armários esquecidos. No Memorial do IFS esses objetos passam por um conjunto de processos para avaliar seu valor histórico, a musealização, transformação do objeto em documento a partir de um conjunto de atividades de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), pesquisa (com fins de catalogação) e comunicação (por meio da exposição, das publicações. (HISTÓRIA DA MUSEOLOGIA, 2012)

O colecionismo ou o ato colecionador é uma prática dos primórdios da civilização humana, sendo movido pela curiosidade de alguns indivíduos em reunir, em um mesmo ambiente, objetos relacionados a seu gosto pessoal, podendo ser de uma mesma tipologia ou diversos. As primeiras coleções caracterizavam-se principalmente por serem pilhagens de guerra, objetos ritualísticos/artísticos ou fauna/flora de terras distantes da Europa. Francisco Marshall apresentou a origem semântica do termo:

Colecionar, do latim *collectio*, possui em seu núcleo semântico a raiz *leg, de alta relevância em todos os falares indo-europeus – e mesmo antes, pois esta raiz está entre as poucas que conhecemos do proto-indo-europeu, há mais de 4 mil anos atrás, com sentidos ordenadores. No grego clássico, em seu grau “o”, produz o morfema *log*, avizinjado, em seu grau “e”, de *leg*, ambos repletos de derivados. Nesta família linguística, aparece o núcleo semântico e significativo do colecionismo: uma relação entre pôr em ordem – raciocinar – (*logein*) e discursar (*legein*), onde o sentido de falar é derivado do de coletar: a razão se faz com discurso. O discurso, morada da razão. Ordenar, colecionar, narrar. Nesta complementaridade semântica, podemos ver um traço claríssimo da semiologia originária: a fala é coleção (Marshall, 2005, p. 15).

Desvallés e Mairesse (2013, p.32) apontam que uma coleção é o “conjunto de objetos materiais ou imateriais que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro” geralmente “comunicada a um público mais ou menos vasto” podendo ser “pública ou privada”. Alguns anos antes, Paulo Costa salientou que o colecionismo é um

[...] processo criativo que consiste na busca e posse de objetos de maneira seletiva e apaixonada, em que cada objeto é destacado de

seu uso ordinário e concebido como um elemento de um conjunto de objetos dotado de significados a ele atribuídos pelo indivíduo ou pela sociedade em determinado contexto cultural (COSTA, 2007, p. 20).

Muito ligado a valorização do indivíduo, que movido pela curiosidade colecionava o máximo de itens possíveis, ganhando status social no grupo ao qual estava inserido, atualmente ocorre uma visão mais sistematizada das coleções com o aprimoramento dos arranjos, serialização dos objetos e pelo acirramento do consumo. Para Célia Oliveira (2017, p.171) as primeiras reflexões a respeito do colecionismo debruçaram-se sobre as “ideias de conjunto, série ou classe de objetos e o seu valor representativo, mas paulatinamente passaram a abranger também o papel do colecionador enquanto autor da coleção e de toda a constelação de significados a ela associados” sendo observados ainda a diferença com “a mera acumulação, [...] a atitude e os procedimentos adotados pelo colecionador como critérios diferenciadores”.

Diversas pesquisas têm se debruçado sobre as motivações do ato de colecionar. De maneira geral, a ação de colecionar tem relação com a memória que o colecionador quer construir a seu respeito assim como a integração a um determinado ciclo social. Paula Coutinho (2018, p.26) destaca que a prática de colecionar “é significativa para a preservação da memória do colecionador, bem como do ciclo social com que se relaciona e interage, pois, nesse caso, o objeto guardado é tratado como receptáculo de lembranças” evocando “para a posteridade a memória do indivíduo-colecionador” e intermediando “diálogos entre o real e o imaginário”. De forma semelhante, José Rogério Lopes (2010) salientou que o colecionismo está relacionado a biografia das pessoas, enfocando que os motivos de quando um indivíduo começa a colecionar tem relação com a trajetória de vida do mesmo - algo que pode começar na mocidade ou na velhice, quando se possui um maior poder aquisitivo ou quando começa a viajar com constância. Para Lopes (2010, p.386) apesar de ser “um aspecto sempre subjetivo, a relação que as coleções estabelecem com a vida das pessoas é um motivo interessante para pensar, para pesquisar” sendo ainda uma forma de “compreender a forma pela qual as coleções depois são expostas, ou não, e em que condições, ou atendendo a que intencionalidades” (LOPES, 2010, p.386).

No campo da Museologia, as coleções são valorizadas a partir da musealização, quando tornam-se coleções museológicas. Contudo, a Museologia

não é o único campo científico que valoriza coleções, pois pode-se associar a ideia de colecionismo com os campos da Arquivologia e Biblioteconomia porque todas eles se ocupam, de alguma forma, na ordenação do conhecimento e de materiais bidimensionais e tridimensionais colecionáveis (RENAULT, 2015). Para Coutinho (2017, p.25), “ao colecionar, os objetos são destacados de seu uso e contexto iniciais sem necessariamente perder suas funções utilitárias e sentidos empregados, principalmente nos casos específicos das coleções particulares”. No ambiente museológico, os objetos/coleções adquirem novos significados, sem perder, necessariamente, os valores anteriores.

Ainda é preciso pensar mais um pouco sobre a relação museu e colecionismo. Enquanto instituição de memória, no Memorial do IFS, faz-se necessário a musealização de objetos cuja memória social seja o maior fator relevante, salientando que a instituição não pode ser um mero depósito de objetos em desuso ou um gabinete de curiosidades. A museologia enquanto área do conhecimento que conserva e documenta precisa se debruçar sobre seu terceiro alicerce, a comunicação, como peça chave para a extroversão de coleções museológicas conhecidas apenas por alguns funcionários das instituições museológicas. As coleções do Memorial do IFS foram formadas por uma ação coletiva, ao longo de décadas, no âmbito privado e institucional, de reunir objetos/documentos que evidenciam a história da instituição. O Memorial do IFS, portanto, tem por objetivo principal apresentar a história da instituição.

Com a construção do Memorial surgiram discussões acerca dos objetos guardados, sua utilidade e função social. Salienta-se que ainda são tímidas as iniciativas do IFS para desenvolvimento da comunicação museológica de diversos acervos espalhados em vários campi - fato que torna esses acervos divididos e de difícil acesso. Nesses casos algumas iniciativas têm ficado a cargo de decisões isoladas de departamentos ou de centros, como foi o caso do LABISHIST, um laboratório de história do campus Estância, que realiza uma série de atividades de pesquisa, eventos e ensino dentre elas uma parceria com o memorial, seguido por outras áreas de conhecimento, com o objetivo de preservar e ao mesmo tempo reativar suas memórias geracionais. É o que Moles (2011) chamou de acervos artísticos, doados ou adquiridos pela própria instituição, de reconhecido valor estético, atribuído intrinsecamente aos objetos. Na estruturação de museus e memoriais

acadêmicos as atividades realizadas são um conjunto informal de trabalhos destacados.

Os objetos de Pedro Braz no Memorial do IFS: a trajetória profissional de um homem negro

A construção do Memorial possibilitou o surgimento de discussões acerca dos objetos guardados, sua utilidade e função social. A palavra objeto por ser uma palavra polissêmica apresenta vários sentidos a depender do contexto que é inserido. No latim significa *objectare*, “citar como motivo de desaprovação”, um derivado de *obicere*, “apresentar, ou colocar no caminho de”; na linguagem cotidiana é algo palpável que tenha utilidade referente ao seu peso ou mecanismos de usabilidade; para a filosofia é um campo de estudo, a especificação de um conhecimento a partir de temas centrais que o indivíduo possui habilidades e competências. Na matemática o objeto é símbolo que permita uma noção de raciocínio, seja ele letra, número, fração, incógnita ou raiz quadrada indefinida. A museóloga Marília Xavier Cury 2020, define para a Museologia objeto como representatividade competente às circunstâncias complexas de sua realidade, representam igualmente aqueles que os escolheram para finalidades diversas, simbólicas fundamentalmente.

Os objetos que formam a coleção de Pedro Braz no Memorial do IFS contribuem para a compreensão da sua trajetória profissional. A coleção de Pedro Braz possui cerca de 199 peças, dentre elas, livros, convites, jornais, uma gravata, santinho de luto, duas fitas de cetim, edições de periódicos publicados durante sua gestão e fotografias que foram transformadas no álbum “Pedro Braz”⁵. Esses objetos foram doados pela família Braz, admiradores de sua gestão e funcionários atuais que encontraram nos armários da instituição. A família de Braz tem uma relação próxima

⁵ As peças de Pedro Braz estão no Memorial do Instituto Federal de Sergipe (MIFS), sendo guardadas na reserva técnica e possuem tratamento com uma série de técnicas e produtos que visam aumentar a durabilidade. Foram removidos resquícios de fita adesiva, higienização mecânica com o auxílio de uma trincha, nas peças de papel grampos foram removidos para evitar manchas de oxidação, além de uma higienização com pó de borracha realizando movimentos circulares suaves, do centro às extremidades, o atrito remove a sujidade do documentos, o uso luvas, máscara, touca e jalecos durante o manuseio fazem parte do equipamento de segurança utilizados nestes processos, tanto para melhor conservação quanto para segurança. Os objetos também recebem invólucros especificados para guarda, os livros usados durante sua viagem de aperfeiçoamento para nos Estados Unidos, Pensilvânia, foram envolvidos por papel neutro em pacotilhas de 4 abas dobrável, a gravata é guardada também em uma pacotilha de papel neutro, mas esse possui uma base de papel paraná, de modo que tenha uma base para a estrutura maleável de tecido.

com o Memorial tanto nas doações de peças quanto no acompanhamento de produção técnica e intercomunicação, inicialmente seus descendentes guardaram suas memórias em suas fotos e matérias de jornais e livros, posteriormente, parte desses objetos foram designados para o memorial, no qual foram de grande valor informacional para a instituição.

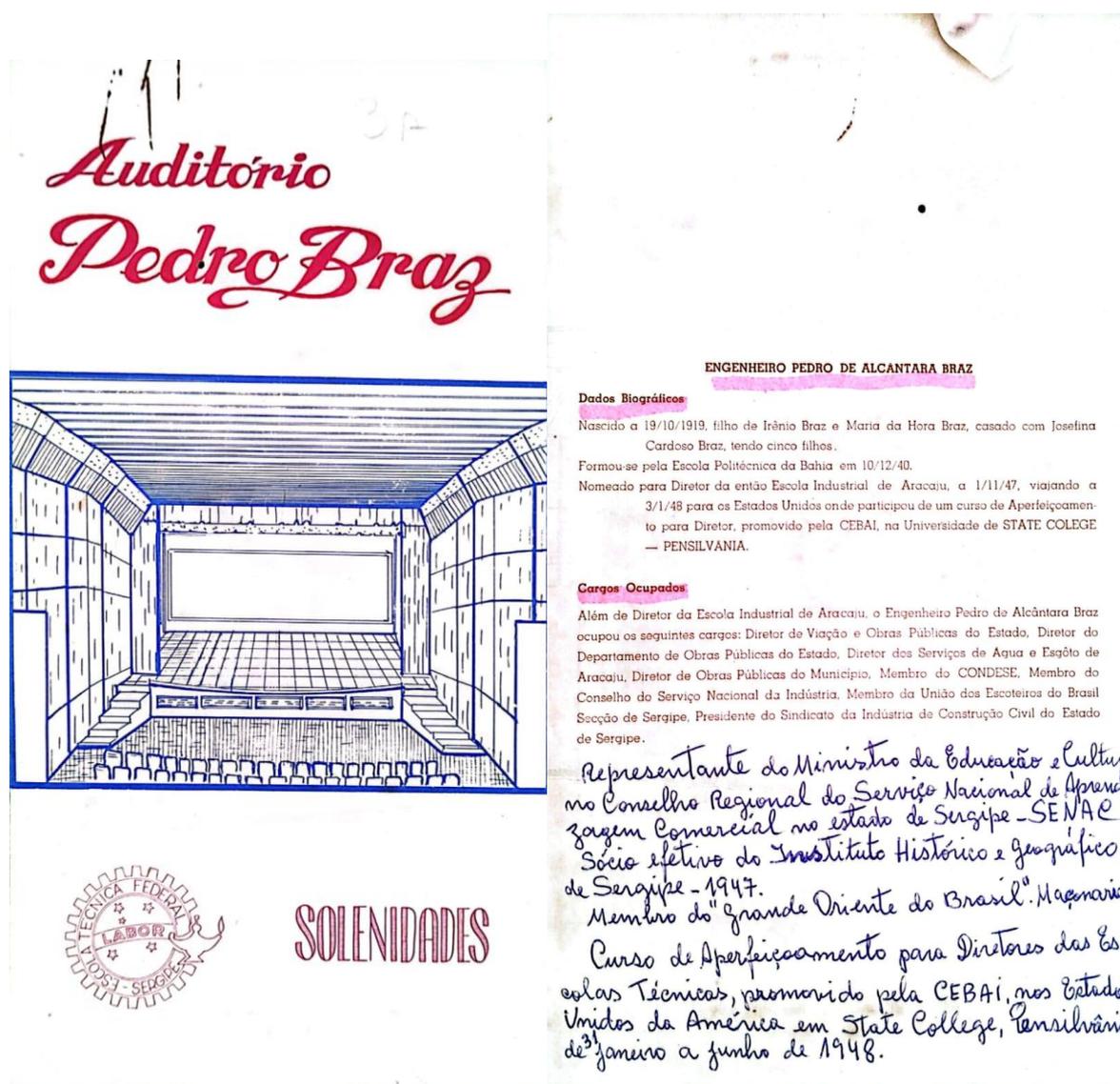


Figura 06: Imagem digitalizada pela autora de folder de programação de inauguração do Auditório Pedro Braz

Fonte: Memorial do IFS

Alguns objetos como o folder da programação do aniversário de 80 anos do Ensino Industrial do Brasil (figura 06) apresenta dados até então desconhecidos, como as informações manuscritas que indicam sua participação como membro do

Grande Oriente do Brasil, a organização fraterna maçonaria⁶ - segundo o site oficial da organização, o ex-Presidente Nilo Peçanha responsável por assinar o decreto que fundou as Escolas Profissionais em todo o Brasil também fazia parte da organização. Informações, no mesmo folder, também permitiram uma direção simplificada a respeito das pesquisas relativas a capacitação de Pedro Braz nos Estados Unidos e cargos assumidos como: a Direção de Viação e Obras Públicas do Estado, Diretor do Departamento de Obras Públicas do Estado, Diretor dos Serviços de Água e Esgoto de Aracaju, Diretor de Obras Públicas do Município, Membro do CONDESE, Membro do Conselho do Serviço Nacional da Indústria, Membro da União dos Escoteiros do Brasil Secção de Sergipe, Presidente do Sindicato da Indústria de Construção Civil do Estado, Representante do Ministro da Educação e Cultura no Conselho Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial no Estado de Sergipe - SENAC e Sócio efetivo do instituto histórico e geográfico de Sergipe - 1947. Além disso, mais informações manuscritas foram encontrada em um Santinhos Pós - Morte (figura 07) que falavam mais sobre os cargos e honrarias adquiridos por ele, sendo eles: coordenador do conselho federal de Engenharia, Arquitetura, Agronomia por ocasião do "Jubileu de Ouro " da instalação CONFEA-CREAS, 1934-1984.

⁶ Segundo o site oficial "Grande Oriente do Brasil - O que é Maçonaria?" a maçonaria é definida como uma organização filosófica atos e cerimônias ela trata da essência, propriedades e efeitos das causas naturais, investiga as leis da natureza; filantrópica por ser uma organização sem fins lucrativos cujas doações arrecadadas são destinadas ao bem da humanidade em escala global e por procurar felicidade dos homens por meio da elevação espiritual e pela tranquilidade da consciência e progressista porque partindo do princípio da imortalidade e da crença em um princípio criador que não os limita em buscas da razão com base na ciência.

Em memória do Saudoso



PEDRO BRAZ

Condecorações: Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, por ocasião do "Jubileu de Ouro" da Instalação CONFEA-CREAS, 1934-1934.

- Outorga da "Medalha do Jubileu de Ouro" e Diploma pela colaboração prestada ao Sistema CONFEA/CREAS.
- Instituto Sergipano de Pesquisas da Cultura Popular Negra. "Título Ouro de Consciência Negra" pelo elevado desempenho no Campo da Administração Técnico-Operar em Sergipe. 1983.
- Medalha do Mérito Cultural "Sérvio Romero", pela A.E. Sergipana de Letras - 2005.

HOMENAGEM DOS SEUS ANTIGOS
DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE
NA MISSA DO 79 DIA

ENGENHEIRO PEDRO DE ALCANTARA BRAZ

Nascido a 19/10/1919, filho de Irônio Braz e Maria da Hora Braz, casado com Josefina' Cardoso Braz, tendo cinco filhos:
Engenheiro Civil, Eugênio Ribens; Aca dêmicos de Geologia: Pedro Alcântara Filho e Eduardo Ray; Ginecistas: Ana Beatriz e Gustavo José.

- Formou-se pela Escola Politécnica - da Bahia em 10/12/1940.
- Nomeado Diretor da então Escola Industrial de Aracaju em 01/11/47, permanecendo - no cargo durante 19 anos.
- Exercceu vários cargos técnicos e chefia em repartições do Estado e do Município' de Aracaju.

A sua competência e retidão de caráter, capacidade administrativa e zelo funcional, fizeram-no merecedor da admiração e do reconhecimento de quantos sentiram a eficiência de seu trabalho, aliado a uma fidalguia de maneiras - que o caracterizava.

Faleceu, em 12 de outubro de 1972, após 12 anos de sofrimento.

Figura 07: Imagem digitalizada pela autora de santinho de luto de Pedro Braz.

Fonte: Memorial do IFS

Outro ponto evidenciado no acervo documental é a presença de Pedro Braz na maioria dos discursos e escritas que contam os enredos da instituição, produzidos entre as décadas de 1960 e 1970 como o Histórico elaborado pela professora Marilene Souza para a revista *Escola Técnica Federal de Sergipe 1909-1979. 70 ANOS DE ATIVIDADES* onde é destacado o esforço de ampliação da instituição através do aumento da estrutura física - um dos maiores desafios era a falta de espaço para as salas de aula e oficinas. A edição Nº9 do periódico EIA (Escola Industrial de Aracaju), 165, que noticia a mudança de prédio que estampa fotos do novo prédio dito como o maior núcleo populacional da capital sergipana e o periódico Nº 5 que fala da proximidade do diretor com os professores, de sua sagacidade na resolução de problemas e na construção de uma seção de solda.

A revista *Escola Técnica Federal de Sergipe Em Foco: 80 anos do Ensino Industrial*, edição comemorativa de 1989, é uma das principais fontes primárias ao se discutir o histórico da instituição e, apesar de apresentar muitas fotografias, nenhuma delas remete à figura de Pedro Braz. Durante a escrita de suas conquistas administrativas seus feitos são reconhecidos mas não sua fisionomia visto que em nenhuma dessas publicações possuem registros fotográficos seus, o que causa estranheza, é como seus feitos fossem orgulho para a instituição mas sua figura, enquanto um homem negro, não.

Pedro Alcântara Braz era um homem negro em uma escola para grupos sociais vulneráveis cuja maior parte dos alunos eram negros mas do mesmo modo que o preconceito prejudicou a formação de jovens foi responsável pelo apagamento de sua figura. Em muitos pontos do acervo, como no discurso da professora Leyda Régis, é notável a admiração da comunidade acadêmica tanto por sua pessoa quanto por sua direção aberta ao diálogo, mas ainda assim é uma figura cuja fisionomia é esquecida. Um dos pontos mais impactantes sobre o acervo de Pedro Braz, do ponto de vista de alguém que fez leituras sobre a história da instituição e das ações de Braz na instituição. é sua condição de homem negro, ponto não trabalhado por alguns autores. Tal apagamento pode ser classificado como “Memoricídio das populações negras” que ocorrem desde o período colonial (Beiguelman, 2019; Missiato, 2021).

As fotos doadas pela família Braz permitem uma construção visual tanto da trajetória de Pedro quanto da instituição, uma vez que apresentam retratos de Pedro Braz, familiares discursando e homenagens realizadas no Auditório Pedro Braz, grupos de professores posando para foto, confraternizações, fotos dos ambientes escolares antes de reformas, grupos de alunos enfileirados para dia de confraternização juntamente com alunos de outras escolas, momentos como partidas de futebol entre os servidores, exposições de materiais produzidos pelos alunos, banda em desfile cívico e fotos da Rádio Industrial de Aracaju. Nestas fotografias doadas, é possível conhecer a figura de Pedro Braz pois, pois nos veículos oficiais de comunicação da instituição, não é possível conhecer o seu rosto.



Figura 08: Livros que Pedro Braz usou em curso de capacitação nos Estados Unidos
 Fonte: Autoria 2024

Leandro Missiatto em artigo publicado em 2021, denominado de *Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento* afirma que o pagamento de histórias de pessoas negras é complexo, uma vez que essas estratégias acontecem desde a chegada dos portugueses no Brasil. O apagamento da memória funciona como uma estratégia nominativa de objetificação das vidas negras, implicando a desorganização do ser, no enfraquecimento de sua perspectiva profissional, e na obstrução dos sentidos, fragmentando a identidade, obscurecendo seu senso de humanidade. Com o tempo, o preconceito contra as pessoas afrodescendentes se intensificou, levando à rejeição não apenas da cor da pele, mas também de qualquer herança que remetesse à ancestralidade negra.

O apagamento da fisionomia de Pedro Braz enquanto um homem negro, assim como o silenciamento de pessoas negras da história faz parte da perspectiva eurocêntrica e colonial, negligenciando o papel crucial desempenhado por indivíduos negros em diversas áreas. Esse apagamento contribui para a construção social do branco como figura construtora e salvadora dos negros marginalizados. Este estudo, ao dar visibilidade a Pedro Braz, por meio de uma coleção museológica que destaca principalmente sua atuação profissional, encaixa-se nos estudos de protagonismos negros no pós-abolição que vem revelando, principalmente por meio

de estudos no campo da História, personagens negros da história do Brasil que tiveram seus feitos esquecidos ou apagados da história oficial.

Dessa forma, ao analisar os objetos de Pedro Braz, utilizamos o conceito de "Memorabilia", que caracteriza uma categoria de objetos, documentos ou itens colecionáveis que são valorizados pelo seu significado sentimental ou histórico. Esses itens frequentemente estão intrinsecamente ligados a eventos, pessoas ou períodos específicos do passado. No caso dos objetos associados a Pedro Braz, eles refletem seu grande impacto no desenvolvimento do IFS, mostrando sua contribuição e importância para a história e o legado da instituição. Essa coleção de itens que testemunham sua jornada profissional e realizações no contexto do IFS. A memorabilia associada a Pedro Braz inclui objetos, documentos e itens que refletem suas conquistas e contribuições significativas para a instituição até os dias de hoje. Esses objetos não apenas testemunham os marcos importantes de sua jornada dentro do IFS, mas também destacam e transmitem sua notável influência e legado na instituição. Cada item serve como uma lembrança tangível do impacto duradouro que Braz deixou na instituição, e sua preservação é digna de memória, honrando sua marca indelével na história do IFS.

Considerações finais

As peças relativas a Pedro Braz no Memorial do Instituto Federal de Sergipe revelam um capítulo fundamental na história do IFS, destacando a notável trajetória de Pedro Braz, que possui um legado que ecoa significados e inspirações. Esses materiais são testemunhos do compromisso inabalável desse líder com a educação, evidenciando sua dedicação incansável em meio a desafios e adversidades no campo da educação. Cada objeto conta a história de um visionário, que, mesmo diante de recursos limitados, empregou sua visão e paixão para promover o avanço da instituição. Seja nos livros que marcaram sua formação ou nos periódicos que celebram suas conquistas, essas peças são mais do que meros registros mas testemunhos da sua resiliência, excelência e liderança exemplar de um diretor que deixou uma marca indelével no Instituto Federal de Sergipe e na comunidade educacional em geral.

A musealização dos objetos pode alavancar a história de Braz na exposição de seus objetos, fornecendo informações detalhadas sobre o contexto histórico de sua atuação profissional, preparação e impacto social. Por exemplo, os livros utilizados durante sua capacitação nos Estados Unidos, que resultaram na criação de cursos que se perpetuam até os dias de hoje, são de grande importância. Objetos pessoais determinam autenticidade à sua narrativa histórica, oferecendo uma conexão concreta. Ao serem expostos, o público pode ver e interagir com esses objetos, tornando a história mais palpável e real. As roupas e livros utilizados permitem que os visitantes visualizem a realidade cotidiana e o papel fundamental de Braz no desenvolvimento da instituição, provocando reflexão sobre sua vida e realizações. Objetos como fotografias e o Hino da Escola Industrial, estão intimamente ligados à identidade cultural da escola, promovendo a identidade e preservação por meio de exposições museológicas. Além disso, a exposição de documentos históricos controversos ou novas descobertas como a de sua figura enquanto o homem negro apagou historicamente, a análise do acervo pode provocar debates acadêmicos e mudar a compreensão do passado. Esses aspectos destacam-se como a musealização não apenas preserva objetos, mas também os transforma em fortes ferramentas para educar, conectar-se emocionalmente e promover diálogos sobre o significado e a importância histórica do Brasil na instituição.

O acervo desempenha um papel fundamental na construção e preservação da história do IFS, servindo como um registro rico e detalhado das atividades, eventos, construções e mudanças sociais e educativas realizadas ao longo dos anos. Essa coleção, em sua maioria composta por jornais, periódicos, fotografias, livros e revistas, não apenas documentam o desenvolvimento da instituição, mas também capturam a essência da vida profissional de Pedro Braz, suas formações e impactos sociais e educacionais ao longo do tempo, e as histórias coletivas dos membros da comunidade escolar. Ao manusear o acervo desgastado pelo tempo, tem-se uma visão da figura de Pedro Braz de profissional revolucionário, querido pela comunidade acadêmica e de grande impacto na sociedade sergipana, ainda que tenha sua história apagada dentro de uma sociedade estruturada no racismo estrutural que esconde características de pessoas negras enquanto protagonistas de grandes mudanças sociais.

Além disso, o acervo fornece informações valiosas para pesquisadores em diversos âmbitos, permitindo uma compreensão mais profunda da evolução da instituição. Portanto, esses objetos são mais do que documentos, são testemunhos do legado de Pedro Braz nos primórdios do Instituto Federal de Sergipe enquanto diretor empenhado, professor amado e homem negro impulsionador do ensino profissionizante.

Agradecimentos

Inicialmente gostaria de agradecer à minha orientadora Sura Carmo pelas orientações tanto na produção deste trabalho quanto na graduação como um todo, em muitos momentos o medo e a insegurança tentaram atrapalhar mas o alicerce de

uma boa orientação fortalece diverte. Agradeço a todos os professores do departamento de museologia que se empenham em dar boas aulas, e se reinventarem enquanto profissionais. Gostaria de agradecer também aos meus colegas de graduação, especialmente Ingrid Cardoso e Keile Jayne pelos momentos divertidos que mostram que a graduação é mais que estudo.

Em especial agradeço a todos os profissionais e colaboradores do Memorial do Instituto Federal de Sergipe por me darem a oportunidade de colocar em prática teorias da Universidade e por me mostrarem diferentes faces da museologia. Sair desta formação sem toda a prática, aprendizado e lições aprendidas seria com toda certeza uma grande perda enquanto profissional da museologia e enquanto pessoa, seria triste.

Agradeço a minha família por todo apoio, em especial a minha mãe pela criação amorosa e por me ajudar na graduação. Agradeço ao meu pai por me ensinar força e resiliência e a minha irmã pelas inúmeras caronas. Estudar em uma universidade de outra cidade é um desafio excepcional e eu tive todo o apoio que foi possível oferecer. Agradeço às minhas amigas Samara e Gilvania por iluminarem meus dias. Ao meu amor Daniel Gonçalves por me ensinar bondade, por me dar alegria e carinho nos momentos de desespero, agradeço por me ajudar, por me fazer feliz e por ser uma pessoa tão especial que emana luz. E por fim, agradeço a mim por nunca desistir, nunca regredir e sempre procurar evoluir. Essa foi uma longa jornada e eu lutei por cada degrau desta escada, eu aproveitei a vista e cresci com ela. Obrigada.

REFERÊNCIAS

A morte de Pedro Braz. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 13, out 1972. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/bitstream/123456789/43923/1/Jornal%20da%20Cidade%201972.10.13.pdf>. Acesso em: 10 fev. de 2024

BEIGUELMAN, G. **Memórias da amnésia**: políticas do esquecimento. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

BEZERRA, Poliane Jaiane Dias Rego. Nilo Peçanha, **A trajetória política de um mulato na primeira república 1889-1922**. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BRASIL. Decreto lei Nº 4.073. Dispõe sobre a lei orgânica do ensino industrial. De 30 de janeiro de 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 fev. de 2024

COSTA, Paulo de Freitas. **Sinfonia dos objetos: a coleção de Ema Gordon Klabin. São Paulo**: Iluminuras, 2007.

COUTINHO, Paula Andrade. **Do palacete ao castelo: Estudo da trajetória do colecionador Henry Joseph Lynch**. 2017 151 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: FLACSO, 2005.

CURY, Marília Xavier. **Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena**. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 129-146, 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013

DOS SANTOS NETO, Amâncio Cardoso. **Da escola de aprendizes ao Instituto Federal de Sergipe: 1909-2009**. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 2, n. 2, p. 25-39, 2009.

FONSECA, C. S. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional, 1961.

FREUD, S. (1915). **Os instintos e suas vicissitudes**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 45, n. 3, p. 169-175. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/DBd6m78YwQ7sP3ZnrHTdNmB/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2023.

HISTÓRIA DA MUSEOLOGIA. **Musealização**. 2012. Disponível em: [<https://historiadamuseologia.wordpress.com/terminologia/musealizacao/>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Instituto Federal de Sergipe imagens do memorial. **Revista Alvorada**. Disponível em: http://www.ifs.edu.br/images/2Memorial/Documentos_Hist%C3%B3ricos/Revista_Alvorada_023.jpg. Acesso em: 18 jan. de 2024.

LOPES, José Rogério. **Colecionismo e Ciclos De Vida: Uma análise sobre percepção, duração E transitoriedade dos ciclos vitais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.

MARSHALL, Francisco. **Epistemologias históricas do colecionismo**. Episteme, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, 2005.

MEDEIROS, Luísa Scardini; XIMENES, Dayse (Org.). **Ensino industrial, 80 anos. Aracaju SE: Escola Técnica Federal de Sergipe**, ano I, n. 01, 1989. (Edição Comemorativa).

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. **Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento**. Revista Memória em Rede, v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021.

Origem da palavra. (s.d.). Objeto. **Origem da Palavra**. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/objeto/>. Acesso em: 06 jan.2024.

Grande Oriente do Brasil. O que é Maçonaria?. **Gob** Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://www.gob.org.br/o-que-e-maconaria/>. Acesso em: 7 fev. de 2024.

O Engenheiro Pedro Braz foi sepultado ontem. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 13, out 1972. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30150>. Acesso em: 18 fev. 2024

OLIVEIRA, Célia. **Coleções e colecionadores: As práticas de colecionar, motivações e simbologias**. Museologia e Interdisciplinaridade, Brasília, v.6. n.12, jul/dez, p.169-179, 2017.

SOUZA, Marilene. **70 anos de atividades**, 1979. Histórico. ETFSE 1909-1979. Edição comemorativa, 1 - 7.